

## Presentación al número cinco de la Revista LAT

### Antônio Carriço\*

*Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional da  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil*  
ancarrico@yahoo.com.br

### Marta Cioccarì\*\*

*Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal Rural do  
Rio de Janeiro, Brasil*  
marta.cioccarì@gmail.com

A *Revista Latinoamericana de Antropología del Trabajo*, desde sua criação, em 2017, vem se consolidando como um espaço privilegiado para pesquisadores que se voltam ao estudo do trabalho em nosso continente a partir de distintas perspectivas. Uma das características da publicação está no sentido amplo assumido pela “Antropologia”: ao invés de precisar uma metodologia, uma técnica de pesquisa ou um objeto determinado dentro do tema amplo do trabalho, a revista vem entrelaçando em suas edições diferentes abordagens que ora se complementam, ora colocam questionamentos, mas que se propõe a conjugar a singularidade e a pluralidade da antropologia regional, em termos teóricos e metodológicos. A organização temática dos dossiês, adotada como praxe a partir do terceiro número, nos dá uma mostra dessa variedade: “Trabajo,

---

\* Mestre, doutor e pós-doutor em Antropologia Social pelo PPGAS, Museu Nacional, UFRJ. É subcoordenador do Núcleo de Antropologia do Trabalho, estudos biográficos e de trajetórias (NuAT), na UFRJ.

\*\* Mestre em Antropologia Social pelo PPGAS, UFRGS, doutora e pós-doutora em Antropologia Social pelo PPGAS, Museu Nacional, UFRJ. Atualmente é Profa. Adjunta do Departamento de Ciências Sociais e do PPGCS da UFRJ. É subcoordenadora do Núcleo de Antropologia do Trabalho, estudos biográficos e de trajetórias (NuAT), na UFRJ.

conflictividad y resistencias” e “Los géneros del trabajo” que antecedem a presente edição, e “Migraciones y Trabajo” e “El trabajo en contexto de nuevas tecnologías de la información”, nas edições subsequentes.

Este quinto número da RLAT explora diferentes abordagens em relação ao mundo laboral na América Latina, na perspectiva das memórias, biografias e trajetórias de trabalhadores. Neste dossiê, buscamos explorar de forma etnográfica e analítica questões relacionadas à construção de trajetórias, de relatos de vida, de histórias de vida, de testemunhos, de biografias, de autobiografias e de biografias familiares relacionadas às classes trabalhadoras, em contextos urbanos, rurais, indígenas ou em suas interseções, destacando as imbricações entre a expressividade narrativa forjada em diferentes contextos e as questões postas pelos estudos voltados às concepções de memória (individual e coletiva) e história de determinados grupos de trabalhadores. Neste sentido, o dossiê buscou também abarcar questões relativas às mobilidades e deslocamentos dos sujeitos, com suas crises e bifurcações, aos jogos de escala temporais e espaciais, e aos distintos modos de relação entre eu e o outro, entre indivíduo e sociedade (considerando-se família, trabalho, comunidade e outros grupos de pertencimento).

2



Para nós, os organizadores, um dossiê sobre “Memórias, Biografias e Trajetórias da classe trabalhadora na América Latina” representa um diálogo fértil e promissor com a linha de pesquisas da qual somos herdeiros, primeiro como estudantes e depois como pesquisadores, desenvolvida desde a década de 1970 no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, do Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), por antropólogos como Moacir Palmeira, José Sérgio Leite Lopes, Beatriz Heredia, Afrânio Garcia, Lygia Sigaud, Rosilene Alvim, entre outros. Trata-se de investigações antropológicas sobre campesinato e classes trabalhadoras urbanas que congregaram mais de uma centena de pesquisadores no Brasil nas últimas cinco décadas. Estas pesquisas têm trazido à tona o caráter temporal não só dos processos sociais que estudamos, mas das próprias relações entre “pesquisadores” e “pesquisados”. É o caso, por exemplo, da produção do documentário *Tecido Memória* (2008)<sup>1</sup>, um registro audiovisual da memória de um grupo ligado à fábrica de tecelagem Paulista, em Pernambuco, no nordeste brasileiro, em cujo contexto José Sérgio Leite Lopes conduziu sua pesquisa de

---

<sup>1</sup> O filme *Tecido Memória* (2008) foi dirigido por José Sérgio Leite Lopes, Celso Brandão e Rosilene Alvim. Ver também a obra: Leite Lopes, 2016. E ainda Leite Lopes, Alvim, 1999.

doutorado nos anos 1980. Neste sentido, também o projeto Memória Camponesa e Cultura Popular, coordenado por Moacir Palmeira, envolvendo uma série de seminários organizados em vários estados do Brasil, entre 2004 e 2010, reuniu testemunhos raros de antigos sindicalistas e de militantes de movimentos sociais do campo. Esse projeto teve desdobramentos importantes, com a produção do livro *Retrato da repressão política no campo* (Carneiro, Cioccarri, 2011), a coleção “Camponeses e o regime militar”<sup>2</sup>e, mais recentemente, com o projeto de pesquisa “Movimentos cruzados e histórias específicas de operários e trabalhadores rurais”<sup>3</sup>, que propõe uma comparação entre os ciclos de greves dos canavieiros de Pernambuco e dos metalúrgicos de São Paulo, ambos iniciados no final da década de 1970. Essas empreitadas têm em comum a retomada de pesquisas centrais para a antropologia *no e do* Brasil, envolvendo as classes trabalhadoras urbanas e rurais, por meio de estudos documentais, bibliográficos e de revisitas etnográficas aos campos de pesquisa, juntando pesquisadores com vasta experiência e jovens investigadores.

Foi nesse contexto intelectual que participamos da criação, em 2011, do Núcleo de Antropologia do Trabalho, Estudos Biográficos e de Trajetórias (NuAT), no Programa de Pós-Graduação de Antropologia Social do Museu Nacional-UFRJ. O Núcleo, certificado pelo CNPq em 2012, congrega professores, estudantes e colaboradores de outras instituições, voltados, por um lado, à investigação e ao debate em torno de questões relacionadas às classes trabalhadoras, e, por outro, pesquisadores interessados nas questões epistemológicas e metodológicas acerca do uso de trajetórias, de histórias de vida, de narrativas e de relatos biográficos e autobiográficos, envolvendo a antropologia, a sociologia, a história, a literatura, a psicologia, a geografia, etc. A própria trajetória do NuAT foi registrada na

---

<sup>2</sup> A Coleção reúne dois volumes publicados: *João Sem Terra, veredas de uma luta* (2012), de autoria da jornalista Marcia Camarano, e *Japuara, um relato das entranhas do conflito* (2013), de autoria do camponês Francisco Blaudes de Sousa Barros. Esse último é um relato originalmente escrito à mão por um morador da fazenda Japuara, no Ceará, no nordeste do Brasil. Ele narra o conflito ocorrido em 1971, quando o novo proprietário da fazenda tentou expulsar os moradores à força. Os trabalhadores resistiram e o confronto resultou em quatro mortes. Mas a resistência em Japuara e o temor do governo do general Emílio Garrastazu Médici de que mobilizações como essa se repetissem em outras partes do país fez com que fosse decretada a primeira desapropriação de terra do estado do Ceará, em pleno regime militar. Sobre a narrativa biográfica de Blaudes, ver também: Cioccarri, 2017.

<sup>3</sup> O projeto se iniciou em 2017, contemplado pelo Edital Memórias Brasileiras: Conflitos Sociais (Capes, 12/2015).

obra *Narrativas da Desigualdade: memórias, trajetórias e conflitos* (Leite Lopes, Cioccarì, 2013), com as contribuições de 15 pesquisadores.

De forma mais vasta, no Brasil, devemos referir as valiosas contribuições de diversos centros de pesquisa para as investigações envolvendo as memórias, trajetórias, biografias, autobiografias e narrativas de trabalhadores, por vezes em suas imbricações com estudos de antropologia urbana, em diálogo com o legado da chamada Escola de Chicago. Neste sentido, destacam-se os férteis estudos sobre trabalho e cidade, memória, tempo e duração, desenvolvidos no âmbito do Núcleo de Antropologia Visual (Navisual) e do Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV), coordenados pelas antropólogas Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em cujo contexto foram formadas várias gerações de pesquisadores.<sup>4</sup> Devemos fazer referência também aos projetos coordenados pela antropóloga Elina Pessanha junto ao Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro, no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGSA/UFRJ), envolvendo pesquisas sobre formação e trajetória da classe trabalhadora, processos de trabalho, memória sindical e resistência operária.<sup>5</sup> É importante registrar, ainda, os estudos sobre trajetórias, autobiografias, experiência e narrativas, conduzidos, desde o começo da década de 1990, pela antropóloga Suely Kofes, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), depois de ela ter pesquisado o cotidiano de empregadas domésticas, em décadas anteriores<sup>6</sup>. Em 2014, foi uma das criadoras do Laboratório Antropológico de Grafia e Imagem no Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp.

\*\*\*

Quando nos debruçamos sobre os relatos biográficos, autobiográficos ou sobre memórias e narrativas de trabalhadores, é preciso considerar o próprio significado – simbólico e político – que o ato de “tomar a palavra” para falar de si e de seu mundo carrega para os integrantes das classes populares, como referido anteriormente (Cioccarì; Della Torre, 2013). Uma característica

---

<sup>4</sup> Ver, por exemplo, Eckert, Rocha, 2015; e, ainda, Eckert, 2012. Ver também: Eckert, 1998.

<sup>5</sup> Ver, por exemplo, Pessanha, .2012. E, ainda, Pessanha, 2008.

<sup>6</sup> Ver, por exemplo, Kofes, Mânica, 2015. E, ainda, Kofes, 2001.

essencial da chamada “história de vida” é, justamente, a possibilidade de apresentar os atores a partir de sua própria perspectiva.<sup>7</sup> Os estudos sobre biografias e autobiografias camponesas e operárias, além das próprias, têm atestado essa importância<sup>8</sup>. Esses estudos se desenvolvem especialmente a partir de meados do século XIX, evocando tanto as peculiaridades das trajetórias individuais como a forma pela qual expressam pertencimentos sociais. Na década de 1970, emergem abordagens tais como a de Daniel Bertaux (1999, 2010), que propõe considerar as biografias “não como relatos de vida, mas como relatos de práticas”, entendendo que a interpretação deve se concentrar não sobre a *vida* como objeto do qual se procuraria extrair o sentido, mas “sobre as relações sociais e interpessoais” (apud Chevalier, 1979: 97-98). Os *relatos de vida*, para além do caráter de história pessoal, descrevem um universo social, revelando a interação entre o eu e o mundo (Bertaux, 1999; 2010). Howard Becker, como outros autores, adota a noção de “história de vida”, considerando que essa compartilha com a autobiografia “sua forma narrativa, seu ponto de vista na primeira pessoa e sua postura abertamente subjetiva” (1993: 102). Burnett, Vincent & Mayall (1984: xvii) observam que “todas as autobiografias representam uma espécie de triunfo sobre a adversidade”: refletem e estimulam o crescimento da autorreflexão e do autorrespeito entre membros da classe trabalhadora.

Na conhecida crítica à “ilusão biográfica”, Bourdieu considerava ser mais adequado o conceito de trajetória, definindo-a como “uma série de posições sucessivamente ocupadas pelo mesmo agente (ou mesmo grupo) num espaço ele mesmo em devir e submisso a incessantes transformações” (Bourdieu, 1986: 72). A noção de trajetória refere-se, então, à atualização do *habitus* através das conjunturas que o sujeito atravessa. No entanto, a posição de Bourdieu em relação ao biográfico toma outra conformação a partir de *A miséria do mundo* (1997). O projeto, lançado aos colaboradores em 1990, ainda com o nome de *La souffrance* (“O sofrimento”), consistia num apelo para que estes pesquisadores selecionassem entrevistas reveladoras da situação de sofrimento social de classes populares na França na época. Estes pesquisadores já tinham um longo trabalho com grupos das classes populares. Alguns haviam realizado estudos biográficos com setores específicos das classes populares, tais como Abdelmalek Sayad com

<sup>7</sup> No contexto brasileiro, há importantes relatos autobiográficos. Ver, por exemplo, Bezerra, 2011 [1979] e Jesus, 1960.

<sup>8</sup> Ver Burnett, Vincent & Mayall, 1984; Dreyfus, Penetier & Viet-Depaule, 1996; Hoggart, 1973; Malva, 1978; Malva, 1985; Navel, 2004.

imigrantes de origem argelina e seus descendentes nascidos na França, ou Michel Pialoux com operários da indústria automobilística das fábricas da Peugeot em Sochaux. Ao longo de 51 capítulos de *A miséria do mundo*, 21 pesquisadores (entre eles, Bourdieu) dão voz diretamente aos seus interlocutores de pesquisa.

\*\*\*

A América Latina ocupa uma posição importante no que se refere aos diferentes usos de relatos de memórias e do biográfico, visto que inspirou obras consideradas clássicas. Oscar Lewis, por exemplo, em *Los hijos de Sánchez* (1961), fez um estudo antropológico sobre o cotidiano de uma família de classe baixa trabalhadora nos anos 1950, no México, explorando o modo pelo qual as histórias de vida e os dramas pessoais são narrados em perspectiva própria por cada um dos membros. Cada qual incarna e narra, de modo peculiar, as dificuldades de viver num bairro e numa cidade marcados pelas profundas transformações sociais e econômicas por que passava o país naquele período. Em obra anterior, *Antropología de la pobreza* (1959), Lewis havia descrito um dia na vida de cinco famílias, considerando que cada família apresentada era única e constituía um pequeno mundo, refletindo a seu modo algo da cultura mexicana que mudava e deveria ser lida sobre o pano de fundo da história recente do país.

6 

Os estudos de Lewis sobre autobiografia e biografia familiar inspiraram pesquisadores como Sidney Mintz e June Nash. Em pesquisa com trabalhadores na cana-de-açúcar em Porto Rico, Mintz (1960) descreve a história de Don Taso, que não era o “tipo padrão do operário porto-riquenho de classe pobre”. Ou seja, o autor não estava preocupado com um caso representativo ou típico daquele contexto.<sup>9</sup> Logo no começo da Introdução, ele diz: “Este livro é a história de um homem inteligente e sensível, que foi testemunha de grandes transformações em sua sociedade”. O antropólogo recorda que Don Taso tinha uma elocução fácil e que falava livremente da política no bairro, do sindicato dos trabalhadores na cana, do trabalho na cana e da vida no vilarejo. Trabalharam juntos por vários meses em 1953 e em 1956 e depois irregularmente ao longo dos anos para escrever a história de vida. Trata-se de uma “autobiografia fragmentária” e “inacabada”, nas palavras de Mintz. Tomando a trajetória de seu interlocutor como “uma história dentro da história”, ele buscou reinsserir as experiências pessoais de Taso no contexto das vastas mudanças que ocorreram no país.

---

<sup>9</sup> Mintz, 1960; 1984.

Por sua vez, June Nash fez um estudo biográfico de um mineiro de estanho boliviano, publicado em co-autoria com ele (Nash e Rojas, 1976)<sup>10</sup>. A antropóloga norte-americana conta que, a partir da proposta metodológica desenvolvido por Oscar Lewis, decidiu adotar o método autobiográfico para analisar a consciência da ideologia e a vida cotidiana na comunidade mineira de Oruro, na região andina da Bolívia. Ela destaca que os mineiros de estanho bolivianos têm a reputação de serem o mais revolucionário segmento da classe trabalhadora. No entanto, o paradoxo que retrata em suas obras está relacionado ao fato de que, naquele período, a Bolívia, como outras nações da América do Sul, se inseria no mercado mundial de modo completamente dependente.

June Nash chegou à Bolívia em 1969 com o objetivo de estudar durante três meses a comunidade mineira. O operário Juan foi um dos seus primeiros entrevistados. Depois de duas ou três entrevistas no escritório, ele a convidou para conhecer sua família. Com a visita, começou a amizade que sete meses mais tarde se aprofundou com laços de compadrio. Um ano depois, em agosto de 1970, eles começaram a trabalhar na autobiografia. A empresa, Comibol, havia aposentado Juan definitivamente por causa da doença profissional de silicose, que havia tomado seus pulmões. Nash relata que, antes de começar o trabalho, não acreditava que esse trabalhador fosse a pessoa mais adequada para o relato autobiográfico. Mas, depois das primeiras entrevistas, Juan passou a fazer anotações que serviam de referência para a continuidade do trabalho. Tornou-se ele mesmo um narrador.

\*\*\*

A perspectiva biográfica envolve uma transversalidade disciplinar como bem demonstraram os estudos sobre cultura popular conduzidos por Mikhail Bakhtin (1987, 1997), por Peter Burke (2010) e por Roberto Da Matta (1980). A partir dessas abordagens, pode-se considerar os modos de construção das subjetividades, das identidades, das noções de moral e das reputações forjada nos múltiplos pertencimentos e deslocamentos sociais e geográficos do indivíduo e dos grupos nas classes populares. Estudos antropológicos e sociológicos, bem como biografias e autobiografias operárias, têm feito eco ao tema que foi formulado por Pierre Bourdieu (1996) como sendo a “dupla verdade do trabalho”, ancorada em suas razões objetiva e subjetiva. Tais razões seriam evidenciadas pelo fato de que, não raro, há a percepção de um ganho

---

<sup>10</sup> Ver também: Nash, 2008.

subjetivo ligado ao próprio investimento no trabalho ou nas relações de trabalho (Bourdieu, 1996: 89). Ao prefaciá-lo um dos escritos autobiográficos do operário Georges Navel, Paul Géraldy destacou, por um lado, a satisfação extraída pelo trabalhador manual ao enfrentar as resistências da matéria: “É o esforço operário, o prazer desse domínio das mãos feito de um longo aprendizado e de pacientes sacrifícios” (Géraldy, 2004).<sup>11</sup> No outro polo, estavam a fadiga, o tédio e o sofrimento impostos pelo cotidiano na fábrica.

Os estudos conduzidos por historiadores (Montenegro, 1992; Ferreira & Amado, 1998; Schmidt, 2000) e, em particular, os relacionados à micro-história (Ginzburg, 1987; Levi, 2000), que, ao fazer a “análise com lupa de fatos circunscritos”, desenvolvem uma preocupação com o detalhe, remetendo as propriedades dos fenômenos fortemente individualizados às características gerais dos conjuntos nos quais eles se inscrevem, fornecem instigantes elementos de reflexão para as abordagens antropológicas, como bem assinalou o antropólogo Alban Bensa (1998), no artigo “Da micro-história à antropologia crítica”. Ele destacou que a antropologia contemporânea pode ser estimulada pela atenção que as pesquisas de micro-historiadores dão às noções de contexto, de temporalidade, de escala e de símbolo. “Essas questões, referentes ao método e à teoria, provocam necessariamente um recurso epistemológico em espiral pelo qual se volta à mesma questão, mas tomando-a em outro nível ou sob outro ângulo” (Bensa, 1998). Essas questões são particularmente relevantes para os pesquisadores voltados ao estudo de memórias, biografias ou trajetórias.

Há que se levar em conta, portanto, as temporalidades vividas e as temporalidades pensadas pelos sujeitos; assim como os eventos que contribuíram, simbolicamente, para a decisão do próprio narrador em tomar a palavra, podendo estar relacionados ao encontro com um pesquisador, a acontecimentos políticos e sociais, a uma conversão religiosa, e, por vezes, envolvendo memórias traumáticas, como a prisão, a tortura e o exílio (como no caso das *Memórias*, de Gregório Bezerra), a superação de uma enfermidade (casos de Don Taso e Juan Rojas, e também de Francisco Blaudes, camponês brasileiro que se debruçou sobre as memórias do conflito ocorrido na fazenda Japara, no nordeste do Brasil, depois de um diagnóstico de câncer que o privava de trabalho e lazer), a uma separação conjugal e familiar, a migrações (como bem revela a obra de Abdelmalek Sayad, 1998), entre outros fatores. Não raro, várias razões se combinam. Michael Pollak, em suas obras, evidenciou

---

<sup>11</sup> Trata-se de um livro de memórias do trabalho escrito por um operário francês. Ver Navel, 2004.



a importância da dimensão terapêutica das narrativas, ao pesquisar deportados de campos de concentração na Alemanha e na Áustria (Pollak, 1989; 1990).

A exemplo desses personagens-narradores que referimos, já consagrados na literatura, cada interlocutor ouvido pelos pesquisadores reunidos no presente Dossiê confiou a seu entrevistador detalhes da sua vida, das suas práticas laborais e de seu cotidiano familiar ou sindical, em interações nas quais para além de relatos de vida ou de narrativas de trabalho, eram compartilhados saberes, uma diversidade de experiências e, também, afetos - no mesmo sentido da reciprocidade que envolve o “pacto autobiográfico”, definido por Philippe Lejeune. Ou seja, “o engajamento de um autor em contar diretamente sua vida (uma parte ou um aspecto de sua vida) num espírito de verdade” (Lejeune, 2008). Assim, quando lemos uma autobiografia ou quando realizamos uma entrevista nos sentimos conectados ao narrador (Lejeune, 2004). Isso porque um pacto em torno da memória convoca tanto o interlocutor como o pesquisador para a intensidade deste engajamento.

Nas últimas décadas, estes estudos biográficos têm rearranjado as fronteiras entre universidade e movimentos sociais, em um tempo marcado por profundas transformações do mundo do trabalho. Neste contexto de fragmentações e instabilidades, as temporalidades e subjetividades, na sua forma narrativa, parecem oferecer aos pesquisadores um eixo produtivo para se tentar compreender as transformações que atravessam trabalhadores de nosso continente, como demonstram os artigos aqui reunidos. Como foi dito, o uso das memórias, biografias e trajetórias, em suas diversas nuances, está longe de ser uma prerrogativa exclusiva da antropologia. Enveredar por essas linhas implica dialogar com disciplinas como sociologia, história, psicologia e literatura, além, é claro, da perspectiva dos próprios sujeitos que nos oferecem suas experiências. Talvez, porém, sua potência esteja justamente nessa interdisciplinaridade que se impõe a pesquisadores, tal como se vê na bela imagem da trabalhadora peruana que ilustra a capa desta edição. Na sua lide, ela entrelaça os múltiplos fios tecendo, a um só tempo, seu trabalho e sua vida.

## Referências

- Bakhtin, M. (1997). O autor e o herói. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bakhtin, M. (1993). *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo, Unesp/Hucitec.

- Becker, H.S. (1993). A história de vida e o mosaico científico. In: *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Hucitec.
- Bensa, A. (1998). Da micro-história a uma antropologia crítica. In: Revel, J. (org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV.
- Bertaux, D. (1999), El enfoque biográfico: su validez metodológica, sus potencialidades. *Proposiciones* (29), 1-23. Disponible en: [http://www.sitiosur.cl/publicaciones/Revista\\_Proposiciones/PR-0029-3258.pdf](http://www.sitiosur.cl/publicaciones/Revista_Proposiciones/PR-0029-3258.pdf)
- Bertaux, D. (2010), *Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos*. São Paulo/Natal: Paulus/Ed. UFRN.
- Bezerra, G. (2011) [1979]. *Memórias*. Rio de Janeiro: Boitempo.
- Bourdieu, P. (coord.) (1997). *A miséria do mundo*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Bourdieu, P. (1996), La double vérité du travail. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales* (114), 89-90.
- Bourdieu, P. (1986), L'illusion biographique. *Actes de la recherche en sciences sociales* 62 (1), 69-72. Disponible en: [https://www.persee.fr/doc/arss\\_0335-5322\\_1986\\_num\\_62\\_1\\_2317](https://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1986_num_62_1_2317)
- Burke, P. (1989). *Cultura popular na Idade Moderna: Europa, 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Burnett, J., Vincent, D. & Mayall, D. (1984) *The autobiography of the working class: an annotated critical bibliography*. Grã-Bretanha: The Harvester Press.
- Camarano, M. (2012): *João Sem Terra, veredas de uma luta*
- Carneiro, A.; Cioccarì, M. (2011), *Retrato da Repressão Política no Campo. Brasil 1962-1985. Camponeses torturados, mortos e desaparecidos*. Brasília: MDA.
- Chevalier, Y. (1979), La biographie et son usage en sociologie. *Revue française de science politique* 29 (1), 83-101. Disponible en : [https://www.persee.fr/doc/rfsp\\_0035-2950\\_1979\\_num\\_29\\_1\\_418582](https://www.persee.fr/doc/rfsp_0035-2950_1979_num_29_1_418582)
- Cioccarì, M. (2017), Memórias da repressão no campo: o conflito de Japuara e o regime militar no Brasil. In: Galafassi, G.; Puricelli, S. (comps.). *Perspectivas críticas sobre la conflictividad social*. Ranelagh: Extramuros Ediciones.
- Cioccarì, M.; Della Torre, D. (2013), Palavras em revezamento, sentidos compartilhados (Prefácio). In: Barros, F. B. S. *Japuara, um relato das entranhas do conflito*. Vol. 2 da Coleção 'Camponeses e o Regime Militar'. Brasília: MDA, 13-18.
- Da Matta, R. (1980), *Carnavais, Malandros e Heróis*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Dreyfus, Michel, Pennetier, C. & Viet-Depaule, N. (orgs) (1966). *La part des militants: biographie et mouvement ouvrier*. Paris: Les Éditions de l'Atelier.

- Eckert, C. (1998). Questões em torno do uso de relatos e narrativas biográficas na experiência etnográfica. *Humanas*. IFCH, UFRGS (19).
- Eckert, C. (2012) *Memória e trabalho: etnografia da duração de uma comunidade de mineiros de carvão (La Grand-Combe, França)*, Curitiba: Appris
- Eckert, C.; Rocha, A. L.C. (orgs.) (2015). *Etnografias do trabalho, narrativas do tempo*. Porto Alegre: Marca Visual,
- Ferreira, M.; Amado, J. (orgs) (1998). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV.
- Ginzburg, C. (1987). *O queijo e os vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*, São Paulo, Companhia das Letras.
- Hoggart, R. (1973), *As utilizações da cultura: aspectos da vida cultural da classe trabalhadora*. Lisboa: Editorial Presença.
- Jesus, C. M. (1960), *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Francisco Alves.
- Kofes, S. (2001), *Uma trajetória, em narrativas*. Campinas: Mercado de Letras.
- Kofes, S.; Mânica, D. (orgs.) (2015). *Vida e grafias: narrativas antropológicas entre biografia e etnografia*. Rio de Janeiro: Lamparina.
- Leite Lopes, J. S.; Alvim, R. (1999). Uma autobiografia operária: a memória entre a entrevista e o romance. *Estudos Avançados*, 13 (37), 105-124.
- Leite Lopes, J.S. (2016), *Memória e transformação social*. Rio de Janeiro/São Luiz: Casa 8.
- Leite Lopes, J.S., Cioccarì, M. (orgs.) (2013). *Narrativas da desigualdade: memórias, trajetórias e conflitos* Rio de Janeiro: Mauad/Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP).
- Lejeune, P. (2004), “El pacto autobiográfico 25 años después”. In: Fernández, C. y Hermosilla, M.A. (ed.). *Autobiografía en España: un balance*. Madrid: Visor Libros, 159-172.
- Lejeune, P. (2008), *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: UFMG.
- Levi, G. (2000), *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Lewis, O. (1961). *Los hijos de Sánchez: Autobiografía de una familia mexicana*. México: Fondo de Cultura Económica.
- Lewis, O. (1959). *Antropología de la pobreza: cinco familias*. México: Fondo de Cultura Económica.
- Malva, C. (1978), *Ma nuit au jour le jour*. Paris: Maspero.
- Malva, C. (1985), *La nuit dans les yeux*. Bruxelles/Paris : Éditions Labor/Fernand Nathan.

- Mintz, S. (1960). *Worker in the cane. A Puerto Rican life history*. New Haven: Yale University Press.
- Mintz, S. (1984). Encontrando Taso, me descobrindo. *Dados. Revista de Ciências Sociais* 27 (1), 45-58.
- Montenegro, A. T. (1992), *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto.
- Nash, J. (2008), *Comemos a las minas y las minas nos comen a nosotros. Dependencia y explotación en las minas de estaño bolivianas*. Buenos Aires: Antropofagia.
- Nash, J. & Rojas, J. (1976). *He agotado mi vida en la mina: Autobiografía de un minero boliviano*. Buenos Aires: Nueva Visión.
- Navel, G. (2004), *Travaux*. Paris: Gallimard.
- Pessanha, E. G. F. (2012), *Operários Navais. Trabalho, Sindicalismo e Política na Indústria Naval do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7 Letras.
- Pessanha, E. G. F.; Santana Rodrigues, M. A.(2008), *Memória do trabalho, memória sindical, memória política: o Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro*. In: Oliveira, A.J.B. (Org.). *Universidade e Lugares de Memória*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ.
- Pollak, M. (1990). *L'Expérience Concentrationnaire*. Paris: Metaillé.
- Pollak, M. (1989). Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos* 2 (3), 3-15.  
Disponível em:  
[http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria\\_esquecimento\\_silencio.pdf](http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf)
- Sayad, A. (1998). *A imigração: ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp.
- Schmidt, B. B. (2000), *O biográfico: perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul/RS: Edunisc.